

## O Mito de D. Sebastião em Cururupu e na Ilha dos Lençóis: História, Memória e Imaginário

Adriana Zierer<sup>1</sup>

Universidade Estadual do Maranhão UEMA  
adrianazierer@gmail.com

**Resumo:** Este artigo investiga a resignificação do mito do Sebastianismo na Ilha dos Lençóis, localizada no município de Cururupu, litoral ocidental do Maranhão. O texto analisa como a figura histórica do rei D. Sebastião de Portugal, desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir em 1578, transmutou-se no imaginário popular local em um “rei encantado” na forma de um touro negro com uma estrela na testa. Discute-se a crença de que a numerosa população albina da ilha descende diretamente do monarca e a profecia de que o seu desencantamento fará emergir o reino de Queluz e afundar a capital, São Luís. O trabalho estabelece conexões entre a historiografia portuguesa, o messianismo brasileiro, a festa do Bumba-meu-boi e as religiões de matriz africana (Tambor de Mina), demonstrando como o mito atua como uma utopia de justiça e prosperidade para as comunidades tradicionais pesqueiras e quilombolas da região.

**Palavras-chave:** D. Sebastião; Ilha dos Lençóis; Sebastianismo; Cururupu; Imaginário popular; Sincretismo religioso.

## The Myth of King Sebastian in Cururupu and Lençóis Island: History, Memory, and the Social Imaginary

**Abstract:** This article investigates the resignification of the Sebastianist myth on Lençóis Island, located in the municipality of Cururupu on the western coast of Maranhão, Brazil. The text analyzes how the historical figure of King Sebastian of Portugal, who vanished in the Battle of Alcácer-Quibir in 1578, has been transmuted in the local popular imagination into an "enchanted king" appearing as a black bull with a star on its forehead. It discusses the belief that the island's significant albino population descends directly from the monarch, as well as the prophecy that his disenchantment will cause the Kingdom of Queluz to rise while the capital, São Luís, sinks. The work establishes connections between Portuguese historiography, Brazilian messianism, the Bumba-meu-boi festival, and Afro-Brazilian religions (Tambor de Mina), demonstrating how the myth functions as a utopia of justice and prosperity for the region's traditional fishing and maroon (quilombola) communities.

**Keywords:** King Sebastian; Lençóis Island; Sebastianism; Cururupu; Social imaginary; Religious syncretism.

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) Pós-Doutorado na École des Hautes Études em Sciences Sociales (GAHOM-EHESS) Docente na Graduação e Pós-Graduação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGHIST-UEMA). Lattes <http://lattes.cnpq.br/5098951451070268>. Orcid <https://orcid.org/0000-0001-5545-5123>

D. Sebastião nasceu em 20 de janeiro de 1554, dia dedicado a S. Sebastião, que morreu flechado, defendendo a fé cristã. Recebeu o epíteto de o “Desejado”, na medida em que o seu pai morreu de diabetes juvenil, e ele se tornou o único herdeiro de seu avô D. João III (1502-1557), sendo o último rei da Dinastia de Avis (1385-1580). O mito de D. Sebastião, hoje, no Brasil, está ligado à História Regressiva. A Ilha dos Lençóis é onde simbolicamente se encontra encantado o rei histórico D. Sebastião (1568-1578), na forma de touro, que irá um dia desencantar-se. Olhamos, então, esse mito do presente e vamos ao passado em busca de respostas. Cururupu fica no norte do Maranhão (litoral Ocidental), habitado inicialmente por índios tupinambás e conquistado no século XIX, sendo realizada ali a produção de cana de açúcar, com mão de obra escrava. Nesta cidade, de origem colonial, a zona rural é composta por comunidades tradicionais quilombolas, e na região continental estão os pescadores artesanais. A Ilha dos Lençóis, também conhecida como Lençóis, fica a 200 km da costa do estado do Maranhão, e é uma área de difícil acesso. Localiza-se no litoral oeste do estado, quase divisa com o Pará, por isso, saliento, não devemos confundi-la com os chamados Lençóis Maranhenses, ligados à cidade de Barreirinhas, localidade bastante frequentada em busca dos passeios nas dunas e no rio Preguiça.

Por ser de difícil acesso, a maneira mais viável de se chegar à chamada Ilha dos Lençóis é ir até Apicum-Açu, município próximo de Cururupu, de carro ou ônibus, e de lá tomar um barco. Assim, o roteiro sugerido é ir de São Luís via ferryboat até o Porto de Cujupe, em Alcântara, e dali são cinco horas de carro até Apicum-Açu. Dessa localidade se toma um barco, sendo necessárias ainda cerca de três horas até Lençóis. A ilha é parte da Reserva Extrativista Marinha de Cururupu (Reis, 2022), região também conhecida como Floresta dos Guarás, ou seja, pássaros da cor vermelha cuja pigmentação se deve à sua alimentação à base de caranguejos. (OJO PONER LAS FOTOS Del fotógrafo aleman)

A ilha não possui energia elétrica, sendo iluminada por geradores, presentes em algumas pousadas para receber eventuais turistas. Localiza-se no Arquipélago de Maiaú, que faz parte de um conjunto de ilhas. A maior parte da população é pobre, sobrevive da pesca e pratica cultos africanos (Alvite et al., 2014, p. 661-662). Um elemento a ser salientado é que boa parte das pessoas são de origem albina, crendo serem filhos de D. Sebastião (Castro, 2020). O reino de D. Sebastião “[...] está oculto no fundo do mar, próximo aquela ilha. O rei vive em seu palácio submerso e seu navio nunca encontra a rota para Portugal” (Ferretti, 2004, p. 213).

O mito de D. Sebastião é um elemento importante que une passado – História de Portugal – e presente – História do Brasil e História do Maranhão. Historicamente, D. Sebastião foi rei de Portugal e, após o seu falecimento na chamada Batalha de Alcácer-Quibir contra os islâmicos nesta localidade

africana, muitos acreditaram que ele não havia morrido, mas estaria encoberto, escondido e que reapareceria depois. O monarca partiu de Portugal em junho de 1578 e, em 4 de agosto, foi totalmente destruído pelos Mouros na Batalha dos Três Reis, perto de Alcácer-Quibir (Ksar-el-Kebir). Além de ele próprio ter perecido, morreram 8 mil dos seus homens, sendo capturados cerca de 15 mil. Poucos escaparam.

O século XVI foi caracterizado por crenças messiânicas, como as de um sapateiro proveniente de Trancoso, em Portugal, chamado Gonçalo Anes, o Bandarra. Lia muito a Bíblia, e as suas ideias tiveram grande aceitação entre os cristãos novos, em um contexto de conversão forçada dos judeus, no reinado de D. Manuel, e estabelecimento da Inquisição no reino luso, no reinado de D. João III. Bandarra pregava a vinda de um rei messiânico que dominaria o mundo inteiro e, sob cujo Império, um único Deus seria adorado. Por volta de 1541, foi preso pela Inquisição e proibido de divulgar as suas trovas (Besselaar, 2002; Real, 2008; Hermann, 1998; Lima, 2010; Magalhães, 2006). Entre as suas trovas, temos a seguinte:

Já o leão é experto [sic] Mui atento.  
Já acordou, anda caminho. Tirá cedo do ninho  
O porco, e é mui certo. Fugirá para o deserto, Do leão e seu bramido, Demonstra que vai ferido  
Desse bom Rei Encoberto (Bandarra, 2008, p. 57).

As trovas eram conhecidas por toda a população, e muitas vezes as crianças aprendiam a ler com elas, mesmo com a proibição. Com a súbita morte de D. Sebastião, último herdeiro da Dinastia de Avis e, logo a seguir, o domínio castelhano sobre Portugal, a União Ibérica (1580-1640), as ideias de Bandarra sobre um rei encoberto e messiânico voltaram com força por meio do Sebastianismo, isto é, a crença no retorno de D. Sebastião, para estabelecer dias melhores em Portugal. Teoricamente, no imaginário popular, com a derrota no confronto, a nau do rei teria se perdido e ele teria ido parar no Maranhão, na Ilha dos Lençóis. Segundo a lenda, D. Sebastião aparece na forma de touro negro, com uma estrela branca na testa, nas noites de lua cheia (Pereira, 2005). A maior parte da população local, albina, acredita ser filha de D. Sebastião.

Figura 1 Bumba-meu-Boi no Maranhão



Foto de Márcio Vasconcelos. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/bumba-meu-boi-pode-se-tornar-patrimonio-imaterial-da-humanidade> Acesso em: 20 set. 2020.

A vida dessas pessoas é curta, e muitos morrem de câncer de pele, como, por exemplo, Telma, que ficou conhecida por ter participado de depoimentos em reportagens da rede Globo, tendo falecido aos 47 anos, em 2017, devido a essa enfermidade. Telma era considerada a mais velha dessa população albina, de acordo com a reportagem (Sepultada [...], 2017). Alguns habitantes dos Lençóis afirmam serem filhos da lua, ou acredita-se que tal definição foi inventada pelos repórteres, pois, nas noites de lua, D. Sebastião viria engravidar as moças, o que se funde com a lenda do boto.

Um dia, de acordo com essa lenda, algum valoroso guerreiro atingirá a estrela na testa do touro, e ele voltará à sua forma humana. Nesse momento, a corte de Queluz irá emergir das profundezas do mar e será implantado o reino de D. Sebastião na terra, uma nova era de felicidade, prosperidade e justiça (Braga, 2001; Zierer, 2009, 2013, 2021). Os necessitados irão se tornar abastados, enquanto a cidade de São Luís, outra ilha, e capital do estado do Maranhão, porém, irá, de acordo com o mito, afundar. Segundo uma canção muito conhecida da tradição oral:

Rei, é rei, rei Sebastião Rei, é rei, rei Sebastião

Quem desencantar Lençol, vai abaixo o Maranhão Quem desencantar Lençol, vai abaixo o Maranhão

Assim, a toada reforça a crença de que se D. Sebastião voltar à sua forma humana, sendo “desencantado”, ocorrerá a ruína do Maranhão, isto é, São Luís, capital do estado, vai submergir para começar a prosperidade em um novo reino, o reino de Queluz, onde os desprivilegiados ficarão ricos.

#### **D. Sebastião, as construções do mito**

O mito é uma construção simbólica da realidade, utilizado com base nos sentimentos e emoções, visando dar uma resposta a determinadas carências da sociedade (Kirk, 1977). Para as pessoas que o vivem, o mito é uma coisa real. Até hoje, é arraigada a ideia de que não se pode levar conchas, nem pedras da Ilha dos Lençóis, pois isso traria má sorte. Essas estariam ligadas ao tesouro de D. Sebastião. Por isso, acredita-se que as embarcações podem encalhar, caso alguém tente levar alguma “riqueza” da região. Tal crença, muito popular, aparece explicada por habitantes dos Lençóis em *A Ilha de D. Sebastião, o Encantado*, documentário dirigido por Marcyia Reis e Ivan Canabrava, produzido pela TV Câmara, que foi premiado em 2006 no 29º Festival Guarnicé de Cinema e Vídeo de São Luís (MA). Segundo outra produção audiovisual, gravada em julho de 2018, no qual Ed Wilson Araújo entrevista uma senhora dos Lençóis, de 66 anos, Helena, sem procedência albina, a mesma afirma que é filha de santo e que é possível pedir graças a D. Sebastião, que ele concede. Para Helena, o rei protege a ilha e os seus habitantes e, no passado, encontravam-se nas dunas pedras preciosas pires dourados e xícaras douradas, objetos do navio de D. Sebastião, que teria um palácio na ilha. Outra crença da população, em geral, é que antes era possível encontrar, na região, cordões de ouro e outros objetos preciosos na praia, mas que isso não mais ocorre seja por algum motivo misterioso ou porque tais riquezas já foram levadas dali.

Podemos chegar a vários questionamentos: por que esse mito do retorno de D. Sebastião foi criado nos séculos XVI e XVII? Por que foi trazido de Portugal para o Brasil? O mito é o mesmo em Portugal e no Brasil naquela época e hoje? Quais foram as transformações pelas quais passou? É possível considerar que, para Portugal, o retorno de D. Sebastião representava o retorno da glória perdida do reino nas Grandes Navegações. Seria o retorno da importância de Portugal na conquista Ultramarina e de seu destaque frente a outros povos. É fundamental salientar que, logo após a morte de D. Sebastião, último rei da Dinastia de Avis, o reino foi ocupado por seu tio, o cardeal D. Henrique, já idoso, que faleceu dois anos depois. Como D. Sebastião não era casado, nem tinha herdeiros, por influência do ideal cavaleiresco de Galaaz, personagem da novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal* (Megiani, 2003, p. 64; Zierer, 2019, p. 102-106), o trono português foi ocupado, em 1580, por seu tio, o rei Felipe II, da Espanha. Portugal então passou a ser integrada na chamada União Ibérica (1580-1640), como já referido, e a crença no retorno de D. Sebastião representava uma resistência dos lusos contra o domínio castelhano. De acordo com Hermann (2000a, p. 25), o sebastianismo representou “[...] uma forma de luta e de resistência às dificuldades impostas pela perda da soberania portuguesa”.

Por isso, surgiu inicialmente, em Portugal, a ideia de que D. Sebastião não havia morrido realmente, mas havia se retirado e se “escondido”, em virtude do embaraço por haver perdido a batalha de Alcácer-Quibir contra os mouros.

Como vimos, o mito de retorno de D. Sebastião era uma resistência ao domínio da Espanha sobre Portugal. Esse mito pode ter sido trazido por portugueses ao Brasil, como o próprio padre Antônio Vieira, que teve uma importante atuação no estado do Maranhão e defendia a ideia do Quinto Império, quando um dos descendentes do monarca, D. João IV, da dinastia de Bragança, poderia, segundo o jesuíta, fundar o Quinto Império.

Além de Vieira, o mito sobre D. Sebastião pode ter sido trazido ao Brasil pelos açorianos, muitos deles cristãos-novos, que também estiveram no Maranhão.

A Ilha dos Lençóis possui uma topografia que lembra o local no qual foi travada a batalha de Alcácer-Quibir, um local desértico, marcado pela presença de um sol causticante, caracterizado por dunas, que parecem imensos lençóis, daí o nome da localidade. De acordo com Braga, as ondulações criam ilusões de ótica, com desenhos “intrincados e infinitos” (Braga, 2001, p. 31).

As paisagens, de acordo com o mesmo autor, parecem impregnadas do “fantástico” e, nas lagoas, dentro das quais se formam uma vegetação, ao se movimentarem dão a impressão de serem joias, justamente as jóias do rei Sebastião (Braga, 2001, p. 32-33). Para os habitantes, tais paisagens seriam um reino utópico com características edênicas, com descrições que se assemelham às da Jerusalém no Apocalipse de São João, marcado pela abundância, pela árvore da vida, pelas pedras preciosas, que Braga aponta ter contato também com o imaginário acerca das Ilhas Afortunadas e dos Campos Elísios.

No entanto, esse reino utópico dos Lençóis se encontra “encantado”, e a dura realidade dos habitantes da ilha é carregar água na cabeça, retirada muitas vezes das lagoas, que possuem água doce, ou recolhida da chuva; e a obtenção de alimentos por meio da pesca e da criação de alguns animais ovinos, caprinos e algumas aves. Os pescadores da Ilha dos Lençóis, por serem albinos, costumam realizar as suas atividades à noite. Possuem a pele castigada pelo calor, sendo comum o acometimento de câncer de pele. Eles conhecem a lenda e “recebem” a entidade de D. Sebastião, cultuada nos terreiros de tambor de mina que existem na ilha (Pereira, 2005). No local, e em outros também, são conhecidas várias toadas mencionando o retorno do touro negro encantado.

O fato de D. Sebastião está associado ao touro, símbolo de fertilidade desde o Egito Antigo (o touro Ápis), também se relaciona com outro mito popular no Maranhão, o mito do boi que nasce e renasce a cada ano durante os festejos juninos. Conforme essa lenda, Pai Francisco, um escravo, devido ao fato de sua esposa, Catirina, estar grávida e desejar comer a língua do boi favorito do dono da fazenda (ou amo), mata esse boi e foge. Começa então uma perseguição. Pai Francisco pede ajuda

aos índios para não ser castigado e é atendido, pois o pajé consegue ressuscitar o boi, ficando selado, assim, o perdão do senhor, tudo terminando em festa (Zierer, 2021).

Nesse mito, ocorre a união das culturas de brancos, índios e negros na formação do Brasil. O auto do boi, encenado todos os anos pelos grupos folclóricos do Maranhão nos arraiais, conta por meio de seus “sotaques” a história do boi, o qual, todos os anos, tal como

D. Sebastião, morre e renasce para trazer a prosperidade. A seguir, segue uma toada que conta as origens de D. Sebastião e a sua relação com o touro Ápis e outras representações desse animal na mitologia:

O mito de D. Sebastião e a sua relação com o touro estão associados à fecundidade, relacionada à prosperidade, que poderia ser garantida por esse animal. O touro representa a força vital, pois, muitas vezes, é sacrificado e renasce. Na Península Ibérica, o boi era abençoado antes da morte, sendo abatido na Páscoa. O mesmo acontece, até hoje, na Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara, no Maranhão. Na Espanha, a corrida de toros também realiza “[...] o abate, retaliação do corpo, alimentação, vida, morte e renovação” (Braga, 2001, p. 57).

A importância do rei D. Sebastião foi retomada várias vezes na história de Portugal. Relembrado por poetas como Camões, contemporâneo do soberano, a quem a obra *Lusíadas* (1572) é dedicada, ou por Fernando Pessoa, no poema *Mensagem* [1934], 2007).

No Brasil, o mito do retorno de D. Sebastião esteve ligado, no passado e no presente, com a vida das pessoas pobres, que ansiavam por melhores condições de sobrevivência. Maria de Macedo, por exemplo, presa em 1666, dizia encontrar em D. Sebastião e afirmava que a família do soberano estava em uma ilha encantada com as embarcações preparadas para voltar a Portugal. Rosa Egipcíaca, uma ex-prostituta, e depois devota em Minas Gerais, previa a volta desse monarca, que, de acordo com as suas previsões, casaria-se com ela. Depois ocorreria um período de dilúvio, após o qual se iniciaria uma temporada de felicidade<sup>21</sup>.

Em Pernambuco, ocorreram dois movimentos messiânicos no século XIX. O Movimento da Serra do Rodeador, ou Cidade do Paraíso Terrestre (1817-1820), foi liderado por Silvestre José dos Santos, ex-capitão das milícias. Afirmava ouvir de uma pedra a voz de

D. Sebastião e, nas suas pregações, prometia invencibilidade, imortalidade e riqueza (Cabral, 2009). Os seus seguidores eram compostos, principalmente, por agricultores pobres. O movimento foi derrotado em 1820, quando o povoado, localizado na região de Bonito, foi atacado e destruído pelo governador da província Luiz Rego Barreto, com a morte de oitenta habitantes, além da prisão de quatrocentos e vinte homens (Botelho; Reis, 2001, p. 212-213). Esse governador ficou conhecido até a atualidade como um algoz, sendo o movimento entendido como a luta das populações por

melhores condições de vida, acesso à terra e à cidadania, segundo reportagem de Marcílio Brandão da TV Futura, intitulada Sebastião Encantado (2013).

Outro elemento interessante da ressignificação de D. Sebastião no Brasil, o qual morreu virgem, solteiro e sem filhos, é que, nos cultos afros, o encantado possui uma grande descendência, com vários filhos e filhas. Uma filha famosa é a princesa Ina, ou Iná. Segundo algumas lendas, quando da construção do Porto de Itaqui, em São Luís, no Maranhão, visando explicar várias mortes de escafandristas nessa localidade, os afogamentos foram atribuídos à princesa. Esse acontecimento foi entendido pela população local como uma reação de Ina contra os “ataques” ao seu reino encantado (Pereira, 2020, p. 11-13). Por isso, foram realizados “trabalhos”, isto é, cerimônias com pais de santo, com o propósito de “acalmar” a ira da princesa, a pedido das autoridades, surtindo o efeito desejado, pois as mortes pararam de acontecer, conforme relatado pelo engenheiro Bento M. Lima Neto em seu livro (Martins; Alves, 2017, p. 138-139).

Outros filhos de D. Sebastião, mencionados nas entrevistas feitas por Pedro Braga pelos praticantes do tambor de mina, são Princesa Flora (filha de D. Sebastião e da Rainha Bárbara ou Iemanjá) e João de Una, filho de D. Sebastião. O rei também é conhecido no tambor como Xapanã<sup>22</sup>, Ossi e Oxóssi (Braga, 2001, p. 84).

Outro elemento significativo a ser salientado sobre o mito de D. Sebastião na contemporaneidade é que o rei não está encantado somente no Maranhão, porém essas ideias espalharam-se para outras áreas da região amazônica, como o Pará e o Amazonas e também para outras localidades do Nordeste, como o Ceará, por exemplo

Segundo depoimento de praticantes do Tambor de Mina: “Xapanã faz uma guerra muito grande, ele combate uma das piores pragas que existem no mundo que é a doença. [...] Ele conta pra gente que ele absorveu, ele sofreu isso, Xapanã é um vodum doente. A Família de Acossi, quase todinha, quando se manifesta, se manifesta deitado, cai no chão, é como se tivesse um ataque epilético [...]. É a força de Acossi, é uma divindade, é um rei terrível, temido não pela sua riqueza mas pelo seu poder. Porque Xapanã é um rei pobre, é da família dos reis pobres, com grande poder espiritual, mas sem riqueza” (Luca, 2014, p. 260).

O Rei Sebastião já foi visto por antigos pescadores aqui na região de Almofala, e suspeita-se que ele seja o dono da Pedra da Batateira, ou seja, que lá seja o seu lugar encantado, isto porque foi visto seguindo pela estrada iluminada que segue em direção dessa pedra, que também é encantada (Fontenelle; Santos, 2014, p. 46, grifos nossos). Conforme é possível perceber, mais uma vez D. Sebastião está associado a um reino encantado e também à figura de uma pedra, possivelmente relacionando o rei com riquezas, pedras preciosas.

Foi possível perceber, a figura de D. Sebastião como representante de felicidade e fartura para as populações pobres no Brasil, no passado e presente, assim como a importância desse rei inserido no mito de um governante ideal, espécie de rei Artur, que vem trazer ao mundo uma era de felicidade quando mais precisarmos dele (Zierer, 2021). O mito de D. Sebastião na terra encantada dos Lençóis representa o desejo das populações por uma vida melhor, mais digna e repleta de felicidade e justiça. A discussão desse mito também se apresenta como relevante na sociedade e, igualmente, no espaço escolar (Zierer, 2019) por mostrar que a História transforma-se: enquanto a morte de D. Sebastião em Portugal significou um mito de resistência à dominação castelhana, no Brasil ganhou novos significados, de um rei salvador de uma população sofrida, trazendo a essa a possibilidade de sonhos utópicos de um mundo próspero, com a ascensão do reino de Queluz e a transformação do touro negro em soberano guerreiro.

## REFERÊNCIAS

- A ILHA de Dom Sebastião. Direção: Marcya Reis e Ivan Canabrava. TV Câmara, 2005. Duração: 23 min 20 s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2n8vREKTjy4>. Acesso em: 7 jan. 2024.
- ALVITE, C. M. C.; VIDAL, M. D.; BORREANI, O. H. P.; BORBA, E. C. M. Perfil da visitação na Ilha dos Lençóis, comunidade de pescadores tradicionais, Reserva Extrativista de Cururupu (MA). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 656-680, nov. 2014/jan. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6415>. Acesso em: 3 set. 2023.
- ATHAIDE, Filipe Duret. Frei José Teixeira, defensor do Falso de Veneza: sebastianismo e cultura política na Europa setecentista. *Temporalidades – Revista de História*, v. 8, n. 3, set./dez. 2016. Disponível em: [https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5734/pdf\\_1](https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5734/pdf_1). Acesso em: 2 set. 2023.
- AZEVEDO NETO, Américo. *Bumba-meu-boi no Maranhão*. 2. ed. aum. São Luís: Alumar, 1997.
- BANDARRA, Gonçalo Annes. *Profecias do Bandarra (Sapateiro de Trancoso)*. 8. ed. Lisboa: Vega, 2008.
- BANDARRA. Wikimedia Commons, 2012. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bandarra.jpg>. Acesso em: 20 maio 2023.
- BATALHA de Alcácer-Quibir. Wikipedia, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha\\_de\\_Alc%C3%A1cer\\_Quibir](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Alc%C3%A1cer_Quibir). Acesso em: 3 set. 2023.
- BESSELAAR, José van den. *Antônio Vieira: profecia e polêmica*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.
- BOTELHO, Angela; REIS, Liana. *Dicionário Histórico Brasil: Colônia e Império*. Belo Horizonte: O Autor, 2001.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRAGA, Pedro. *O Touro Encantado da Ilha dos Lençóis: o sebastianismo no Maranhão*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BUMBA meu boi pode se tornar patrimônio imaterial da humanidade. Agência Brasil, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/bumba-meu-boi-pode-se-tornar-patrimonio-imaterial-da-humanidade>. Acesso em: 20 set. 2020.
- CABRAL, Flavio José Gomes. Em nome do El-rei D. Sebastião: guerras sebásticas e mistérios encobertos no Rodeador e em Pedra Bonita. In: ZIERER, Adriana; XIMENDES, Carlos Alberto (org.). *História Antiga e Medieval: cultura e ensino*. São Luís: Ed. UEMA, 2009. v. 1, p. 147-158.

- CASTRO, Junior. Filhos da lua: a comunidade de albinos no Maranhão. Enquanto isso no Maranhão, 2020. Disponível em: <https://enquantoissonomaranhao.com.br/filhos-da-lua-a-comunidade-de-albinos-no-maranhao>. Acesso em: 2 set. 2023.
- COMPLEXO Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão. Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil. São Luís: IPHAN/MA, 2011. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\_bumba\\_meu\\_boi\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_bumba_meu_boi(1).pdf). Acesso em: 10 ago. 2023.
- CRUZ, Maria Augusta L. D. *Sebastião*. Lisboa: Temas e Debates, 2009.
- D. SEBASTIÃO morreu em Alcácer-Quibir? Torre da História Ibérica, 2019. Disponível em: <https://torredahistoriaiberica.blogspot.com/2019/06/d-sebastiao-morreu-em-alcacer-quibir-os-16.html>. Acesso em: 2 set. 2023.
- DOMINICI, Rayan Santos; MARTINS, Valquíria; FERRETI, Sérgio. Dom Sebastião: do mito português à adoração maranhense. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/579>. Acesso em: 9 jul. 2023.
- FERRETI, Sérgio. O mito e ritos de D. Sebastião no Tambor de Mina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, 10., 2004, Recife. Anais [...]. Recife: Comissão Nacional de Folclore, 2004. p. 211-223.
- FERRETI, Sérgio. Encantaria maranhense de D. Sebastião. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, v. 1, n. 1, p. 262-285, 2013. Disponível em: <http://estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/view/19>. Acesso em: 1 jun. 2023.
- FIALHO, Márcio. Localização da Floresta dos Guarás. NugeoUema, 2017. Disponível em: <https://www.nugeo.uema.br/?p=11040>. Acesso em: 7 jan. 2024.
- FLORESTA dos Guarás. Visite o Brasil, [201-]. Disponível em: <https://www.visiteobrasil.com.br/nordeste/maranhao/ecoturismo/conheca/floresta-dos-guaras>. Acesso em: 3 set. 2023.
- FONTENELLES FILHO, J. M. (org.); SANTOS, Maria Andreína dos. *Os encantados e seus encantos*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.
- FURLANETTO, Beatriz Helena. Bumba-meu-boi do Maranhão: território de encontros. *RA'E GA*, Curitiba, n. 20, p. 107-113, 2010.
- FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Presença, 1989.
- GODOY, Marcio H. D. *Sebastião no Brasil*. 2007. Tese (Doutorado) – PUC-SP, São Paulo, 2007.
- GULLAR, Ferreira. *O rei que mora no mar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Global, 2001.
- KIRK, G. S. *The Nature of Greek Myths*. New York: Penguin, 1977.
- HERMANN, Jacqueline. *No Reino do Desejado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HERMANN, Jacqueline. *1580-1560: o sonho da salvação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HERMANN, Jacqueline. Sebastianismo. In: VAINFAS, Ronaldo (dir.). *Dicionário do Brasil Colonial*. São Paulo: Objetiva, 2000. p. 523-526.